

humanitas



Vol. LXII
2010

LÓPEZ FÉREZ, Juan Antonio (ed.), *La mitología clásica en la Literatura Española. Panorama diacrónico*, Madrid, Ediciones Clásicas, Colección Estudios de Filología Griega, vol. 11, 2010, 855 pp. ISBN: 84-7882-616-5.

Este volume contém os trabalhos que foram apresentados no VII Colóquio Internacional de Filología Griega, *Influencias de la mitología clásica en la literatura española*, organizado pela Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), em Madrid, durante os dias 20-23 de Março de 1996. Colaboraram, nesta obra, helenistas, latinistas e hispanistas, e entre eles figuras de renome, que nos apresentam estudos de grande profundidade e qualidade sobre a presença, influência, tratamento e função dos mitos clássicos na literatura espanhola, desde os seus começos até ao século XX. Em torno da mitologia, agrega-se um tratamento genológico, estético, artístico da produção hispânica e ainda da *respublica litteraria* europeia de todas as épocas, desde a antiguidade à modernidade, que tornam esta obra um documento precioso para especialistas, sem deixar de cativar o leitor comum, interessado nos motivos recorrentes mais diversos, que a mitologia sugere.

Pórtico desta obra, que congrega trinta e oito estudos, é o ensaio notável sobre a mitologia clássica na literatura espanhola de Vicente Cristóbal, que já nos habituou – desde o seu estudo publicado em *Cuadernos de Filología Latina Clásica. Estudios Latinos* 18 (2000) 29-76 –, a uma abordagem crítica e a um conhecimento amplo da matéria, fundamentados nos códigos estéticos, próprios de cada época. Curiosas são estas palavras suas (p. 1): «El mito fue en su origen una manifestación folclórica anterior a la literatura. [...] Pero ese viejo abuelo que es el mito, tal vez por dicha constante necesidad de adaptación a los signos de los tiempos y de las culturas, ha adquirido un especial vigor que, a pesar de su vejez, lo aleja siempre de la caducidad. Podría decir-se de él – como del Caronte virgiliano (*Aen.* VI. 304) – *que es iam senior, sed cruda deo uiridisque senectus*».

Literariamente, além da função argumentativa do mito, não é menos expressiva da sua pervivência, no tempo e nos diferentes espaços do mundo ocidental, a sua função de ornato, elemento da *elocutio*, e já não objecto da *inuentio*: pode servir para criar toda uma gama de figuras estilísticas, tais como a perífrase, a metonímia, a antonomásia, a metáfora e a comparação (p. 4). Variados são os estudos de filólogos clássicos e hispanistas, integrados nesta colectânea, que comprovam esta asserção e, nos seus diferentes temas, exemplificam-na.

A aliança entre mito e literatura que se alicerçou, entre os Gregos, desde a *Ilíada* e a *Odisseia*, percorreu um longo caminho até à adaptação, à transculturação, do mito grego na literatura romana, e adquiriu uma dimensão de grande significado na civilização do Ocidental. A tradição clássica, na designação emblemática de Highet – desde a Idade Média ao Renascimento, do Barroco ao Neoclassicismo e, de forma menos sistemática, em todos os tempos até à actualidade –, revela o mito como fonte inesgotável de todos os géneros literários, ou como simples motivo, ou como componente único do seu conteúdo. Até a história, que tem por objecto narrar a verdade, quando se confronta com os tempos remotos das origens, recorre à lenda, ao maravilhoso. É o caso, em Espanha, da primeira parte da *General Estória* de Afonso X, o Sábio, que revela o conhecimento das obras mitográficas latinas, designadamente das *Metamorfoses* de Ovídio. As alegorizações medievais desta obra, a *Genealogia deorum gentilium* de Boccaccio, a par de obras francesas, como o *Roman de Troie* de Benoît de Sainte-Maure, o *Ovide moralisé*, o *Libro de Alexandre* são fontes privilegiadas até ao Renascimento, época em que os autores gregos são editados, muitas vezes na sua tradução latina. Obra de referência, neste particular, é a de José M. de Cossio, *Fábulas mitológicas en España* (1952, 2ª ed. Madrid, Istmo, 1999).

Fastidioso se torna enumerar os estudos que se incluem nesta obra, mas só assim se torna possível dar uma visão diacrónica e sincrónica do tema que a informa, dos géneros literários que abarca, dos motivos mitológicos, recorrentes em autores de épocas distintas.

Na “Nota prévia”, o Director do Colóquio, Juan Antonio López Férez, exprime o profundo sentimento pela morte de Jesús Lens Tuero, que assina um artigo desta colectânea, em parceria com Pedro Pablo Fuentes González, intitulado “La introducción de la mitología de Diodoro en España”. Nesta hora, já nos deixou, inesperadamente, um outro autor, presente nesta obra, brilhante classicista, de um saber e uma erudição singulares, amigo saudoso, a quem presto as minhas homenagens, Antonio López Eire. O seu estudo, de uma fina análise, intitula-se “Sobre el mito clásico en Quevedo”.

A Idade Média, o Renascimento, o Barroco e o Neoclassicismo, campo fértil da cultura do mito, ocupam grande parte desta obra.

In limine, o referido artigo de Vicente Cristóbal, indispensável à leitura e compreensão global da obra, apresenta uma introdução e uma aproximação bibliográfica sobre a mitologia clássica na literatura espanhola. Na mesma linha, Margherita Morreale, na sua introdução bibliográfica ao tema de Hércules em Espanha, revela a recorrência do mito “fundador”

de Hércules, comum à França e à Espanha, com grande significado na cultura europeia medieval, que viu, alegoricamente, nos seus trabalhos, uma prefiguração dos sofrimentos de Cristo. Dão corpo a esta obra muitos outros estudos sobre: a figura de Hércules na *General Estoria* de Alfonso X, o Sábio (M. Luisa Arribas Hernández); as lendas virgilianas nas literaturas hispânicas medievais (José Luis Vidal); a mitologia na prosa do séc. XIV (M. Dolores Castro Jiménez); a poesia castelhana do século XIV (Juan Luis Arcaz Pozo); os mitos clássicos na obra lírica do Marquês de Santillana e de Juan de Mena – figuras do Pré-renascimento em Espanha, com relações de amizade com os Príncipes de Aviz (José Vela Tejada); a mitologia clássica no Marquês de Villena (Manuel García Tejeiro); o mito no teatro da segunda metade do século XV: de Gómez Manrique a Hércules Florus (Juan Francisco Alcina); a influência da mitologia grega na *Celestina* e no *Cancioneiro Geral* (Mariano Benavente e Barreda); mitologia clássica e poesia castelhana, na época de Carlos V (Antonio Alvar Ezquerro); influências indirectas da mitologia clássica nas literaturas latina e vulgar dos séculos de Ouro (José María Maestre Maestre); a mitologia clássica e o teatro espanhol preloquista (Bartolomé Segura Ramos); o poeta lírico perante o mito épico. O exemplo de Fernando Herrera (José Guillermo Montes Cala); mitologia e novela picaresca (Francisco Pejenaute Rubio); a visão mítica do Novo Mundo nos historiadores das Índias (F. Javier Gómez Espelósín); a mitologia nos “prólogos” das Histórias Gerais de Espanha (José António Caballero López); presença de mitos e personagens míticos clássicos no *Quijote* (Juan Antonio López Férez); a sobrevivência do mito clássico na comédia mitológica de Lope de Vega (Enrique Ángel Ramos Jurado); observações sobre a recepção da mitologia clássica na obra de Gôngora (Jordi Redondo); elementos míticos greco-latinos na produção dramática de Tirso de Molina. Uma primeira aproximação (Germán Santana Henríquez); o teatro de Calderón: mitologia y cosmovisão barroca (Erwin Haverbeck O.); o contexto social, político e teológico da comédia mitológica no teatro clássico espanhol (Thomas Austin O’ Connor); bibliografia de mitos dramatizados na literatura espanhola (do século XV aos princípios do século XIX), do mesmo autor; Psiquis e Cupido em Calderón e María de Zayas (Margaret R. Greer); a presença e função dos mitos em três autores do século XVII: Cascales, Saavedra e Gracián (Francisca Moya); presença dos mitos clássicos na lírica do século XVIII (Alfonso Martínez Díez); a mitologia clássica no teatro espanhol do século XVIII (Emilio del Rio); o mito na obra didáctica de P. Isla: *Recusatio* da fábula pagã (Francec J.

Cuartero I Iborra); presença e tratamento da mitologia clássica na poesia e no teatro espanhóis do século XIX (Dulce Estefanía); notas para uma história do mito na literatura espanhola: do século das Luzes ao século XX (Ignacio Rodríguez Alfageme); o mito de Ulisses no teatro espanhol do século XX (Fernando García Romero); o conceito de mito na obra de Ortega y Gasset (Luis Miguel Pino Campos); o orfismo de José Lezama Lima (Jaume Pòrtulas); o mito grego na narrativa hispana contemporânea (Emilio Suárez de la Torre).

A amplitude temática e a profundidade no tratamento do mito em diferentes autores, e numa grande diversidade de obras que tocam todos os géneros literários, em prosa e em verso, tornam esta obra um documento precioso da influência clássica na literatura espanhola, reflexo das tendências da literatura europeia, que se inspira num património universal comum, a que o mito, no seu fluir perene, confere essencialidade poética.

A enriquecer esta obra e a facilitar o seu manuseio e recepção, por parte de um público especializado ou do leitor comum, encontram-se, no final do volume, os resumos dos diferentes artigos, em língua inglesa, um índice de citações clássicas, um índice geral de autores e obras, um índice com a selecção de alguns termos de referência, um índice de nomes mitológicos e uma lista de autores deste volume e seus endereços. Uma obra que se impõe pela qualidade e variedade dos seus estudos que dignificam os seus autores e os seus editores.

NAIR CASTRO SOARES

MARTINS, José Vitorino de Pina, *Histórias de livros para a história do livro*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007, 339 p.

«No ano da Graça de 2007, aos 20 dias do mês de Dezembro, na cidade de Lisboa, que de Ulisses tira o nome, se deu por concluída a impressão desta “Histórias de livros para a História do Livro”, segundo manuscrito preparado pelo ilustríssimo senhor Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins e segundo documentação iconográfica tomada de obras impressas e manuscritas que compõem a sua biblioteca pessoal».

É este o início do cólofon desta obra notável, que revela o itinerário percorrido pelo seu autor, ao longo de uma vida – e a vida com ele –, na sua busca, com paixão, do livro antigo. Apreciador inigualável da arte